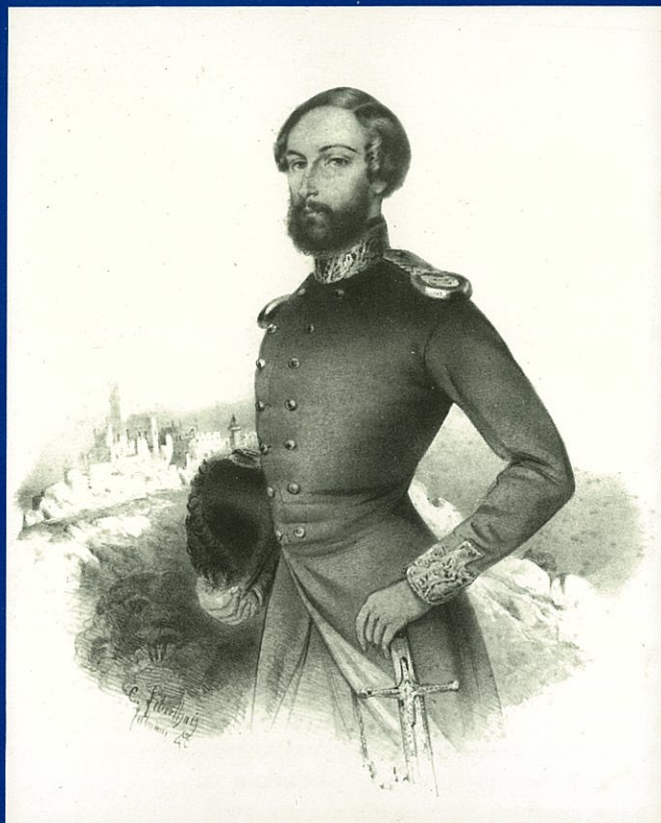


INSTITUTO DE SINTRA



# ROMANTISMO

— FIGURAS E FACTOS  
DA ÉPOCA DE D. FERNANDO II



SINTRA  
1988

## O CORTEJO CÍVICO DAS COMEMORAÇÕES CAMONIANAS DE 1880

*António Filipe Pimentel*

*«Esse monumento consagram-no já os nossos maiores, porque nunca a consciência do povo esquece os nomes dos seus homens ilustres.»*

EL-REI D. LUÍS I

*(Discurso inaugural da estátua de Luís de Camões,  
09.06.1867)*

*«O século XIX vae terminar deixando iniciada uma era nova na alliança do Poder espiritual da Sciencia (...) e da Industria (...) Essas duas forças racionais, legítimas e compatíveis com a dignidade humana, em breve regerão as sociedades. As festas da Industria, representadas pelas Exposições internacionais, ensinam-nos a reconhecer d'onde ha de vir a ordem nova; as commemorações dos espíritos superiores realizadas nos Centenários dos grandes homens, revelam-nos que se acaba o fetichismo dos symbolos autocráticos.»*

TEÓFILO BRAGA

*(Camões «Plutarcho Portuguez», I,  
Porto, 1881, p. 22)*

A voga das comemorações centenárias de grandes vultos da história das nações, da sua literatura ou da sua arte, parece ter sido um dos traços característicos da segunda metade do século XIX, ligado a concepções filosóficas e políticas particulares.

A Alemanha festejou Schiller<sup>(1)</sup> como o poeta-símbolo da sua unidade rática e cultural; italianos e franceses celebraram em Avinhão, em 1874, o 5.º Centenário de Petrarca e, em 78, Paris assistia ao duplo jubileu de Voltaire e Rousseau, enquanto a Bélgica, um ano antes, reverenciava solenemente Rubens em Antuérpia<sup>(2)</sup>.



A Europa, através da qual circulavam o *Système de Politique Positive* e o *Cathéchisme Positiviste*, deixava-se penetrar pelas descobertas da nova sociologia comtiana e pelas insólidas propostas de uma Religião da Humanidade que encontrava nos gênios nacionais os santos e mártires de que carecia. Tudo isto, de permeio com uma nova e *científica visão do devir social que era já uma sociolatria*.

É certo que os programas de *reorganização da Sociedade* que Auguste Comte elaborara, embatiam facilmente contra o radicalismo, não menos teocrático, dos adeptos do materialismo cientista. Todavia, a conjugação de factores vários — entre os quais avultam as graves sequelas da industrialização, com o súbito emergir de um proletariado urbano e o crescimento desordenado das cidades, face a uma Igreja em recuo pastoral e ao ascenso de uma grande burguesia capitalista e especuladora —, proporcionavam terreno fértil ao desenvolvimento da ideia positivista, que beneficiava também da inquietação romântica e do recrudescer dos nacionalismos que se seguira.

Divulgada via Littré e Spencer, que entre nós veiculavam a sua ideologia<sup>(3)</sup>, a mensagem positivista infiltrava-se na sociedade portuguesa através dos escritos de Teófilo Braga ou de Manuel Emídio Garcia. Seduzindo pelo aparente equilíbrio entre conservação e mudança, *ordem e progresso*, criava raízes entre a vasta e insatisfeita classe média, excluída da partilha dos bens da Coroa e dos lucros da regeneração nacional e que viria a constituir a seiva do Partido Republicano<sup>(4)</sup>.

A teoria positivista dos Grandes Homens e da sua importância histórica — não, certamente, como autores, mas como agentes do Progresso —, inscrever-se-á entre nós num país mais amplo *corpus* doutrinal republicano, ao qual permitirá a vulgarização de arquétipos comportamentais, bem como a mobilização moral da sociedade, apelando para sentimentos e sensibilidades nacionalistas.

Habilmente aproveitados pela doutrinação democrática, os centenários virão a proporcionar no nosso País larga base de ataque às instituições monárquicas, insistindo no vincado contraste entre um passado que se visionava glorioso e um presente de iniludível decadência<sup>(5)</sup>.

O ano de 1880, que assinala o tricentenário da morte de Luís de Camões, não pode desligar-se deste complexo pano de fundo que justifica, simultaneamente, a crescente insistência de cada vez mais vastos sectores nacionais na realização das festividades comemorativas, o brilho que se lhes conferiu e o amplo significado de que se revestiam do ponto de vista do republicanismo português.

Com efeito, não pode deixar de atentar-se na crescente influência da propaganda anti-monárquica, particularmente a partir de 1876, dada da fundação do Centro Republicano Democrático e, sobretudo, das eleições de



1878/79, que tiveram como resultado a entrada no Parlamento do primeiro deputado republicano, Rodrigues de Freitas<sup>(6)</sup>.

A criação em Lisboa, já em 1878, do Centro Republicano Federal, marca igualmente, para além da crescente difusão de centros, clubes e associações de índole mais ou menos declaradamente democrática, o surgimento de um numeroso e aguerrido Jornalismo, empenhado a partir de agora no combate a na demolição da Monarquia<sup>(7)</sup>.

Assim se justifica que a ideia de sublinhar condignamente o aniversário da morte do grande poeta partisse da imprensa periódica lisboeta<sup>(8)</sup> e que esta tivesse capacidade, não só de levar por diante o gigantesco empreendimento, como de constituir poderosíssimo grupo de pressão junto do aparelho institucional.

A formação da Grande Comissão Executiva — que integrava Teófilo, Ramalho Ortigão, Eduardo Coelho, Luciano Cordeiro, Rodrigues da Costa, Pínlheiro Chagas, Jaime Batalha Reis, Magalhães Lima e Rodrigo Pequito —, designa também um efervescente período de agitação doutrinária, dinamizado a partir de um sem número de conferências e sessões realizadas nos mais diversos locais<sup>(9)</sup>.

Esta extraordinária campanha de propaganda teve como resultado originar em torno das comemorações centenárias um incadescente clima emocional, capaz de servir a intenção teofiliana de conferir às celebrações a mais completa significação nacional; simultaneamente, ao passo que gerava um vasto movimento de opinião pública, obrigava as entidades oficiais a apoiar a iniciativa da Comissão da Imprensa sem o que — como confessava Teófilo —, aquela não passaria «*de pequenas comemorações locais, quando muito com o valor de um pretexto*»<sup>(10)</sup>.

É neste sentido que se insere a ideia da realização de um cortejo triunfal de homenagem ao Poeta, colossal desfile da nação inteira honrando o seu cantor e permitindo assim que as comemorações transcendessem o círculo, necessariamente restrito, dos meios eruditos e intelectuais.

Os poderes públicos, porém, sem perceber o alcance da vaga de fundo que se erguia, retardaram injustificadamente a definição dos seus propósitos, acedendo apenas em contribuir para as festividades quando se capacitaram de que se realizariam independentemente da sua vontade<sup>(11)</sup>.

Como era de ver, a imprensa republicana não deixou de explorar convenientemente a negligência governamental e, em face de uma opinião pública cada vez mais vigilante, o descrédito que atingia o rotativismo monárquico arastava inexoravelmente consigo o ameaçado prestígio da Coroa.

Ficou, todavia, assente, que a Família Real assistiria ao desfile num pavilhão erguido na Praça do Comércio — onde seria assinado o *auto do*



*cortejo*<sup>(12)</sup> —, atribuindo o governo um subsídio de 4 800\$000 réis para a ornamentação do préstito<sup>(13)</sup> e ainda troféus, bandeiras e materiais<sup>(14)</sup>.

Para além da realização do cortejo (que se verificaria no dia 10 de Junho, agora feriado e de gala nacional), previa o Programa definitivo das comemorações<sup>(15)</sup> um volumoso conjunto de actividades de natureza diversa (prolongando-se pelos dias 8, 9 e 10), incluindo conferências e sessões literárias para divulgação e debate da obra e exegese camonianas, fundações de carácter educativo e assistencial, instituição de prémios literários (o *prémio Camões*, a distribuir de cinco em cinco anos), exposições, etc.

Integrado no calendário comemorativo, diligenciava ainda a Comissão Executiva efectuar a solene trasladação dos restos mortais do Poeta e de D. Vasco da Gama (ou aquilo que se supunha sê-lo) para a igreja do Mosteiro dos Jerónimos, o que veio a acontecer com grande pompa e assistência das Majestades no dia 8 de Junho de 1880<sup>(16)</sup>.

Foi o cortejo camoniano a mais significativa das realizações que compunham o Programa.

A imensa mole humana que encheu as ruas de Lisboa na tarde do dia 10 de Junho e, dum modo geral, durante os três dias de festejos, constituiu a mais extraordinária resposta à capacidade de militância dos organizadores do Tricentenário, ao mesmo tempo que provava ser possível reunir em torno de uma ideia a globalidade das forças vivas da nação.

Para os paladinos da República, o clamoroso êxito que coroara a iniciativa jornalística atingia as proporções de um teste à vitalidade nacional, de uma autêntica *revivescência*.

Mas iam mais longe: a grande *procissão cívica*, como era comumente designado o cortejo triunfal, assumia-se também como substituição das tradicionais manifestações religiosas, favorecendo um ideal laico de vida social<sup>(17)</sup>, nem por isso desprovido dos seus ritos próprios.

O respeito e a solenidade que envolveram o desfile mais avolumaram essa consciência de que se assistia a «*uma procissão em que o ídolo era o povo, recebendo pela primeira vez a sua apotheose*», como apologeticamente referia Guilherme de Azevedo<sup>(18)</sup>, que sublinhava: «*a data que hoje celebramos é a mais gloriosa e deve ser a mais santificada do nosso Kalendario e porque rasão depois d'extinctas as romarias catholicas que eram a apotheose dos martyres, deve passar entre himnos triumphaes o cortejo civico que é a afirmação da consciência nacional*»<sup>(19)</sup>.

Trata-se, portanto, não da destruição das antigas e consuetudinárias formas de celebração e júbilo, que continuavam a evidenciar o seu antiquíssimo poder de aglutinação social, mas sim, e verdadeiramente — numa coerente linha positivista de conservação e mudança, *ordem e progresso* —, de uma modificação ao nível dos conteúdos, revestindo velhas (ou renovadas) formas.



Neste contexto, a homenagem nacional ao Épico que lentamente desfilava nas ruas de Lisboa carregando flores para a sua estátua, assumia, no seu recorte característico, a significação de uma anti-procição.

Não pode, portanto, deixar de relacionar-se o préstito camoniano com toda uma longa série de manifestações congêneres a que a cidade se habituara, particularmente nos séculos XVII e XVIII (geralmente ligadas a fastos da corte, como entradas triunfais de soberanos ou recepções solenes de Rainhas), cujo mais próximo ponto de referência seria, talvez, a inauguração da estátua equestre de D. José, em 1755<sup>(20)</sup>.

O Centenário surgia na mente dos seus organizadores com a significação teofiliana de uma *revivescência nacional*<sup>(21)</sup>. Como o despertar súbito de um Povo que respondesse à voz dos seus maiores, repudiando o abatimento e a decadência em que o havia projectado — ou de que se responsabilizava — o governo da Casa de Bragança.

Lembrava uma colossal representação da obra de Nuno Gonçalves; uma grande e vistosa evocação da nossa Idade de Ouro, que se desejava opor à modernidade sem brilho.

Com o fim de conferir ao desfile a mais dilatada representatividade, endereçou a Comissão Executiva convite a todos os sectores da vida nacional, para que se fizessem representar com os seus estandartes, congregando-se para honrar o cantor das glórias e das tradições da Pátria.

Todas as corporações e associações da capital, o comércio, a indústria, a agricultura, o exército, a marinha, o funcionalismo, todos os ramos de actividade<sup>(22)</sup> integraram o longo cortejo que percorreu as ruas de Lisboa ao som da *marcha de Camões*, especialmente composta para o efeito por José Fernandes Escazena, executada em uníssono por todas as bandas dos corpos da guarnição da cidade<sup>(23)</sup>.

Cumprindo à risca o programa elaborado pela Comissão da Imprensa, o desfile caracterizou-se, em toda a sua extensão, pela escrupulosa observação da mais completa ordem.

Conforme estipulava o protocolo acordado entre a Comissão dos Festejos e o governo, o cortejo formou ao meio-dia no Terreiro do Paço. A minuciosa regulamentação elaborada pelos organizadores visava *«imprimir à ordem do préstito um carácter principalmente simbólico e nacional: o Estado no centro, tendo a um lado o Commercio e a Industria e a outro a Instrucção e a Segurança; na frente a Instituição Municipal, base da sociedade portugueza e fechando o préstito a Opinião ou a publicidade, garantia e affirmação das liberdades publicas»*<sup>(24)</sup>.

Escutando grandes carros triunfais, a imensa multidão aguardou serenamente o sinal da partida.

Conforme ficara estabelecido, a Família Real tomaria lugar em pavilhão



especial erguido pela Câmara Municipal entre a estátua de D. José e o arco da Rua Augusta, donde assistiria ao cortejo na companhia do governo, da corte, dos membros das duas câmaras do Parlamento e da diplomacia e onde seria igualmente assinado o *auto do cortejo*<sup>(25)</sup>.

À hora prevista<sup>(26)</sup>, D. Luís e D. Maria Pia deram entrada no pavilhão, onde aguardavam já os altos corpos do Estado, o Rei viúvo, D. Fernando e o Infante D. Augusto, Duque do Porto.

Feita a leitura do *auto* e assinado este, a Rainha fez entrega à Comissão de um ramo de flores para a estátua do Vate, que Pinheiro Chagas levaria durante o cortejo.

Terminada a cerimónia, subia no arco da Rua Augusta a bandeira azul e branca (com a legenda A CAMÕES A PÁTRIA AGRADECIDA) e batia a uma hora quando se iniciou o desfile ao som da marcha de Escazena, entre girândolas de foguetes lançadas do Castelo de S. Jorge e salvas de canhão dos navios de guerra e das fortalezas de Belém e São Julião da Barra<sup>(27)</sup>.

Lenta e solenemente a procissão cívica punha-se em marcha.

Contornando o Pavilhão Real, percorreria ao longo de três horas<sup>(28)</sup> um extenso itinerário que incluía a Rua Augusta, o Rossio, a Rua Áurea, a Rua do Arsenal, o Largo do Pelourinho, frente aos Paços do Concelho, o Largo de S. Julião, a Rua Nova do Almada, o Chiado, o Loreto e, finalmente, a Praça Luís de Camões, onde se realizou a homenagem ao Poeta.

Descendo a Rua do Alecrim e atravessando a Praça dos Romulares — onde a vereação aguardava em tribuna especial<sup>(29)</sup> —, o préstito viria a dispersar-se no Aterro da Boa Vista, sendo os carros conduzidos ao Terreiro do Paço, ficando expostos durante três dias<sup>(30)</sup>.

Encarregou a Comissão Executiva da realização da parte artística das comemorações, especialmente da grande procissão cívica, uma subcomissão composta por José Luís Monteiro, arquitecto, pelos pintores Silva Porto, Columbano e Tomasini, pelo escultor Simões de Almeida e pelo pintor-decorador José Maria Pereira Júnior.

Poder-se-ia dizer, dum modo geral, que se tratava do escol da classe artística lisboeta, responsável pela melhor produção da época.

A José Luís Monteiro, jovem e talentoso arquitecto acabado de chegar de Paris — onde fora discípulo de Pascal no *Champ de Mars*, colaborando igualmente no *Hotel de Ville*<sup>(31)</sup> — incumbiu, como arquitecto municipal, a realização do Pavilhão Real da Praça do Comércio, assim como do carro alegórico da *Imprensa*.

De formação clássica, várias vezes premiado nas *Beaux-Arts*<sup>(32)</sup> e *naturalmente inclinado às opulências do século XVI*<sup>(33)</sup>, ideou um majestoso edifício, bem conseguido e magnificamente enquadrado no cenário pombalino, aparatosa construção concebida sem mesquinhês.

Compunha-se o Pavilhão de um edifício central de planta octogonal, prolongado aos lados por dois corpos ou galerias curvas, formando o conjunto uma estrutura aproximadamente semi-circular, voltada para a estátua equestre de D. José I e, portanto, para o cortejo que desfilava.

A construção central, destinada a albergar os soberanos, erguia a sua elegante cúpula a grande altura, assente em dezasseis delicadas colunas, formando quatro arcos vestidos de sanefas azuis. Definiam esses arcos outras tantas entradas, comunicando duas com as galerias — das quais saíam toldos protectores em riscas cor de rosa e brancas — e outras duas com a praça, através de escadarias. Terminava a cúpula um troféu ornado de quatro liras, donde emergia a bandeira real, enquanto os tímpanos ostentavam versos dos *Lusíadas*<sup>(34)</sup>.

Elegante exemplar de arquitectura efémera, adaptava-se excelentemente às suas funções, permitindo aos ocupantes observar todos os aspectos do préstito camoniano, que desfilava em seu redor ao dirigir-se para a Rua Augusta.

A mesma sobriedade de gosto e o mesmo recurso à gramática clássica que se observava no Pavilhão do Terreiro do Paço, utilizou Monteiro na composição do carro alegórico da *Imprensa*, embora de certo modo com menos felicidade.

Era este, sem dúvida, um dos mais importantes carros do cortejo já que representava, além do pessoal mecânico, tipógrafos, impressores e todos quantos concorriam para a produção da obra impressa, a classe dos escritores, intelectuais e jornalistas, cujo dinamismo e espírito empreendedor permitira a realização do Centenário.

Último do préstito, junto dele seguia a Grande Comissão Executiva; daí que, entre grinaldas e volutas de inspiração «rocaille» e *putti* empunhando fachos na atitude de iluminar a imprensa, ostentasse os seguintes e expressivos versos dos *Lusíadas*:

«Vereis amor da patria não movido  
De premio vil

Oh! gente ousada mais que quantas  
No mundo cometteram grandes cousas»<sup>(35)</sup>

Oitavo carro da série triunfal, tinha como principal motivo um prelo tipográfico de madeira, dos meados do século XVIII, pertencente à *Typographia Progressista*, de Pedro António Borges (depois visconde de S. Marçal) e, na parte anterior, sobre uma pænha, a estátua de Gutemberg, cópia da que David d'Angers esculpira para Estrasburgo<sup>(36)</sup>.

Uma certa dificuldade em harmonizar elementos de natureza tão diversa



—ao contrário do Pavilhão Real—, dificultou aqui uma solução homogênea. Todavia, a carga simbólica do conjunto, em manifesta alegoria ao trabalho, faz com que se inscreva como um dos mais significativos do desfile.

Abria o cortejo cívico, entre estandartes de seda com nomes de terras descobertas e respectivas datas, o carro triunfal figurando um *Galeão do Século XVI*, elaborado sob a direcção de Luís Ascêncio Tomasini.

Não se trata propriamente de uma alegoria, mas antes de uma representação, tão real quanto possível, de um dos principais emblemas da nossa epopeia marítima.

A escolha de Tomasini impunha-se. Antigo capitão de navios, discípulo e amigo de Anunciação, adquirira certa nomeada como pintor de marinhas e barcos<sup>(37)</sup> que cultivava com sensibilidade<sup>(38)</sup>.

O *Galeão*, erguendo a sua proa entre encrespadas ondas fingidas, sob o signo prestigioso da cruz de Cristo, detinha o lugar de honra no desfile e era, certamente, uma das mais relevantes peças dessa grande parada do Portugal oitocentista.

Um dos mais aparatosos carros que figuraram em homenagem a Camões foi, decerto, o do *Comércio e Indústria*, criação de José Maria Pereira Júnior, pintor-decorador, então presidente da Sociedade dos Artistas Lisbonenses.

A ele se ficou também devendo a maior parte da pintura decorativa de carros, pavilhões, bandeiras e insígnias populares<sup>(39)</sup> sendo, portanto, dos que mais se empenharam no brilho das comemorações centenárias.

Compunha-se o carro de um amplo soco, com profusa decoração de grinaldas e grotescos em alto relevo de ouro e escarlata sobre fundo branco. Dois grandes quadros alegóricos ornavam os lados maiores.

Sobre a base assim concebida, erguiam-se em diversos planos as figuras emblemáticas da *indústria* (ao centro), do *comércio* e do *trabalho*, no meio de uma complexa composição de coroas de louro e flores e de instrumentos diversos, como um alambique e um sifão de grês, martelo, bigorna, enxó, pá, redes, fardos, pratos, chitas e ainda numerosos outros produtos nacionais<sup>(40)</sup>.

Trata-se de uma composição de grande barroquismo condizente com a formação de decorador de José Maria Pereira.

O carro seguinte, evocativo das *Colónias*, era da autoria de Columbano Bordallo Pinheiro, então jovem e promissor artista de 23 anos, que em 1881 partira para Paris, a expensas da Condessa d'Edla, esposa morganática de D. Fernando II<sup>(41)</sup>.

Imaginou Columbano um exótico e pitoresco bric-à-brac transportado por uma carreta de gosto setecentista.

Uma vistosa colcha da Índia, de seda bordada, compunha uma espécie de pálido sob o qual o pintor dispusera um troféu de armas africanas e asiáticas entre objectos de carácter etnológico, donde emergia a figura idealizada da Ásia.



Diversos escudetes ostentavam em letras de ouro os nomes das principais possessões ultramarinas, acompanhados de versos alusivos extraídos dos *Lusíadas*<sup>(42)</sup>.

A realização do carro da *Arte* foi entregue pela Comissão Executiva, quase que simbolicamente<sup>(43)</sup>, ao escultor Simões de Almeida.

Discípulo de Vítor Bastos, o autor do monumento a Camões<sup>(44)</sup>, de Jouffroy, em Paris, onde também colaborara com Mercié e de Monteverde em Roma<sup>(45)</sup>, a ele ficariam a dever-se algumas das boas criações da época, como o célebre *D. Sebastião* — que El-Rei D. Luís adquiriu e que valeu ao artista o cargo de mestre da Condessa d'Edla —, o famoso mármore *Puberdade*, ou o *Anjo da Vitória* do monumento aos Restauradores.

José Simões de Almeida imaginou uma construção de inspiração manuelina, então geralmente entendido como o *estilo* mais caracteristicamente nacional e, portanto, mais apropriado ao carácter patriótico das comemorações.

Sobre um largo soco erguia-se um plinto rematado por esferas armilares, a cujas faces se encostavam pequenas composições simbolizando as quatro artes da pintura, escultura, arquitectura e música e teatro; ornavam o pedestal diversos medalhões inscritos em arcos cegos geminados, representando Sequeira, Grão Vasco, Machado de Castro, Gil Vicente e Frei José Marques.

Rematava o carro triunfal (quase todo esculpido em madeira pelo entalhador Braga), a figura dourada do génio da arte na atitude de coroar as belas-artes<sup>(46)</sup>.

O efeito final resultou elegante e um jornal da época<sup>(47)</sup> relatava que *a passagem do carro da Arte produziu impressão agradável e pathetica*.

A Silva Porto, fundador do *Grupo do Leão*, discípulo de Daubigny e seguidor da escola de Barbizon<sup>(48)</sup>, indiscutivelmente um dos maiores expoentes da pintura portuguesa de então, incumbiu a realização do *carro militar*.

Foi este, sem dúvida, um dos mais atraentes e bem concebidos que desfilaram na procissão cívica camoniana.

Também aqui se adaptou a gramática manuelina, mas com uma sobriedade e gosto que os outros carros nem sempre revelaram.

Claramente inspirado no baluarte seiscentista de Belém, imaginou Silva Porto um bastião cingido por grosso calibre; nas ameias, em forma de escudetes prateados modelados em relevo, desfilavam as cruces das Ordens Militares portuguesas, que tão grande papel tiveram nas nossas páginas guerreiras.

Do interior emergia um gigantesco troféu composto de elementos escolhidos pelo artista no Museu do Exército, entre os mais significativos da história militar portuguesa — armaduras antigas, bandeiras e armas diversas, lanças, alabardas, espadas, partasanas, mosquetes, tambores, clarins, elmos e peças de artilharia<sup>(49)</sup>, conferiam ao carro triunfal a imponência requerida sem,



no entanto, ostentar a profusão de ornatos que sobrecarregavam a generalidade dos seus congêneres.

Para além destes seis carros de teor mais ou menos declaradamente alegórico, seguiam ainda no préstito comemorativo alguns outros veículos ornamentais, embora, menos representativos, que os que acabamos de ver.

Um troféu simbolizando a *Agricultura*, entre os carros do *Comércio e Indústria* e das *colônias*, estava montado sobre um carro agrícola, com máquinas e ceifeiras mecânicas, instrumentos variados, molhos de trigo e grinaldas de flores e buxo, *tudo disposto com simplicidade e gosto*<sup>(50)</sup>.

Um outro troféu era transportado pelos bombeiros voluntários de Lisboa e Belém, composto de escadas, croques, machados, agulhetas, mangueiras e cordas, sobre uma carreta<sup>(51)</sup>. Era o primeiro carro do cortejo.

Ainda um último troféu, conduzido pelos estudantes da Escola do Exército, seguia o *carro militar* reproduzindo, na generalidade o seu modelo<sup>(52)</sup>.

Por fim, muito contribuíram para a beleza do desfile os quatro grandes açafates dourados, para transporte de flores, puxados por mulas, que a Câmara Municipal de Lisboa pusera à disposição da Imprensa.

Foram brilhantes as festas do Tricentenário de Camões, imprimindo durante alguns dias um ritmo diferente à vida da capital.

Enquanto duraram as celebrações a cidade engalanou-se e, à noite, esplêndidas luminárias causavam nas ruas da Baixa o pasmo dos transeuntes.

Na Praça de D. Pedro, milhares de balões venesianos punham notas de cor nas árvores e no casario, envolvendo o monumento altos postes embandeirados, ornados de escudos e unidos por grinaldas<sup>(53)</sup>.

A Rua do Ouro deslumbrava com a sua correnteza de 50 serpentinas de nove lumes sobre postes dourados<sup>(54)</sup>, e os seus 3800 globos de vidro, os 230 estandartes de várias cores<sup>(55)</sup>.

Na Rua Augusta, na Rua Nova do Almada, na Rua do Alecrim, em hotéis, associações, casas comerciais, na Câmara, no Terreiro do Paço, nos Jerónimos, arcos, coroas de louro, monogramas, rivalizavam em sumptuosidade e profusão.

Terminadas já as festividades oficiais, ainda a 11 de Junho a cidade acorria aos jardins do antigo palácio dos Condes de Redondo para assistir ao fogo-de-artifício com que se solenizava a inauguração do novo Bairro Camões<sup>(56)</sup>; e a 4 de Julho se reuniam no mesmo local numerosas pessoas do meio artístico, comercial, industrial e literário, em banquete de homenagem à Comissão Executiva da Imprensa e à edilidade lisboeta<sup>(57)</sup>.

Na verdade, mais longas ainda seriam as repercussões do Centenário na imprensa periódica nacional, que durante anos lhe prolongaria o eco.

A pouco e pouco esmorecia a efervescência popular que caracterizara esses notáveis dias do jubileu camoniano.



Mas não se diluiria o ímpeto criador que impusera a celebração da efeméride, nem a consciência de que algo mudava paulatinamente sob a aparente calma da vida quotidiana que retoma os seus direitos na velha cidade — consciência que os futuros centenários de Pombal, de Santo António ou da Índia não farão mais do que aumentar.

O modelo camoniano retomar-se-ia, de um modo geral, nas celebrações seguintes, tal como as velhas bandeiras, já que semelhantes eram os problemas com que, ano após ano, se debatia a sociedade portuguesa.

Por isso persistiam as mesmas formas e o imprescindível recurso à retórica manuelina (ou nemanuelina) que se impunha com carácter de obrigatoriedade de cada vez que se tratava de ferir a velha corda nacionalista, fosse quem fosse o executante.

Com efeito, os centenários reflectiam apenas o que se passava com a restante produção artística, condenada à mediocridade na falta de escolas, de encomendas condignas e, sobretudo, de um público culto e interessado, como o mostra a figura solitária do Rei-Artista semeando modas e comprando quadros.

A pobreza do discurso plástico nacional mais não era do que a resposta possível à estreiteza dos nossos horizontes, que apenas lentamente se alargavam.

#### NOTAS

(1) Maria Letizia de Rute (Madame Rattazzi), *O Centenário de Camões*, «O Camões», Porto, n.º 1, 30.07.1880.

(2) Rangel de Lima, *As Festas do Centenário*, «A Arte», ano 2.º, Junho de 1880, pp. 98/99.

(3) Rui Bebiano, *O 1.º Centenário Pombalino, contributo para a sua compreensão histórica*, «Revista de História das Ideias» IV, tomo II, Coimbra, 1982, 405.

(4) *Idem, ibidem*, p. 406

(5) *Idem, ibidem*, p. 407.

(6) Alexandre Cabral, *Notas Oitocentistas*, cap. II, *Comemorações Camonianas de 1880*, Plátano Editora, col. Temas Portugueses, Lousã, 1973, p. 101.

(7) *Idem, ibidem*, pp. 101/102.



- (8) Rocha Martins, *D. Carlos, História do Seu Reinado*, Edição do Autor, Estoril, 1927, p. 85.
- (9) Alexandre Cabral, *ob. cit.*, p. 125.
- (10) *Idem, ibidem*, p. 119.
- (11) *Idem, ibidem*.
- (12) Documento 2.
- (13) Brito Aranha, *Diccionario Bibliographico Portuguez, estudos de Innocencio Francisco da Silva*, XV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1888, doc. 48 pp. 83/85.
- (14) Rocha Martins, *ob. cit.*, p. 85.
- (15) Documento 1.
- (16) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, doc. 52, pp. 89/90; veja-se a propósito Rafael Bordalo Pinheiro, *O António Maria*, 2.º ano, n.º 54, Lisboa, 1880.
- (17) Rui Bebian, *ob. cit.* p. 408.
- (18) *Chronica Occidental*, «O Occidente», III, n.º 60, Lisboa, 15.06.1880.
- (19) *Tricentenário de Camões, 10 de Junho de 1880*, «O Occidente», III, n.º 59, Lisboa, 10.06.1880.
- (20) José-Augusto França. *A Arte em Portugal no Séc. XIX*, II, Livraria Bertrand, Lisboa, 1966, pp. 204.
- (21) Alexandre Cabral, *ob. cit.* p. 125.
- (22) *As Nossas Gravuras*, «O Occidente», III, N.º 61, Lisboa, 01.07.1880.
- (23) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, pp. 302/303. Escazena era mestre de música de Infantaria 16, a marcha, porém, apesar do êxito que conheceu nunca chegou a ser impressa.
- (24) Documento 1.
- (25) Documento 2.
- (26) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 90.
- (27) *Idem, ibidem*, p. 92.
- (28) *Correspondência de Portugal*, n.º 455, Lisboa, 13.06.1880.
- (29) *Diário de Notícias*, n.º 5154, Lisboa, 12.06.1880.



(30) Veja-se *Programa da Celebração em Lisboa do Terceiro Centenário de Luiz de Camões* (Documento 1); terminado o cortejo deliberou a Comissão Executiva distribuir os carros alegóricos por diversos estabelecimentos da capital, para que se conservassem em memória das festividades, o que fez do seguinte modo: *carro da Arte* para a Academia de Belas-Artes; *carro militar* para o Museu Militar; *carro da Imprensa* para a Imprensa Nacional; *Carro das Colónias* para o Museu Colonial; *carro do Comércio e Indústria* para o Instituto Industrial e o *Galeão do Século XVI* para o Museu da Marinha. Brito Aranha, *Diccionario*, xv, p. 94, nota 1.

(31) Sousa Viterbo, *Diccionario dos Architectos, Engenheiros e Constructores Portuguezes*, III, Imprensa Nacional, Lisboa, 1922, p. 383, s. v. *José Luiz Monteiro*; José-Augusto França, *ob. cit.*, II, p. 18.

(32) *Idem, ibidem*.

(33) Sousa Viterbo, *Diccionario*, III, p. 385.

(34) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 90.

(35) *Idem, ibidem*, p. 95.

(36) *Idem, ibidem*, p. 94.

(37) Sousa Viterbo, *Notícia de Alguns Pintores Portuguezes... I*, Typographia da Academia Real das Sciencias, Lisboa, 1903, p. 143, s. v. *Luiz Assencio Tomasini*; Fernando de Pamplona, *Dicionário de Pintores e Escultores Portuguezes ou que trabalharam em Portugal*, IV, Lisboa, 1959, p. 136, s. v. *Luiz Ascêncio Tomasini*.

(38) José-Augusto França, *ob. cit.*, I, p. 268.

(39) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 92, nota 1.

(40) *Idem, ibidem*, pp. 92/93.

(41) Fernando de Pamplona, «Dicionário», I, p. 232, s.v. *Columbano Bordalo Pinheiro*.

(42) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 93.

(43) José-Augusto França, *ob. cit.*, I p. 462.

(44) Pinho Leal, *Estatua de Luiz de Camões*, «A Volta do Mundo, Jornal de Viagens e Assumptos Geographicos», III, Lisboa, 1883, pp. 5/6.

(45) Fernando de Pamplona, «Dicionário», IV, p. 76, s. v. *José Simões de Almeida*.

(46) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 94.

(47) *Diário de Notícias*, Lisboa, n.º 5154, 12.06.1880.

(48) Fernando de Pamplona, *Dicionário*, IV, p. 69, s. v. *Silva Porto*.



- (49) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 94.
- (50) *Idem, ibidem*, p. 93; «Diário de Notícias», Lisboa, n.º 5154, 12.06.1880.
- (51) Brito Aranha, *Diccionario*, XV, p. 92.
- (52) *Idem, ibidem*, p. 94.
- (53) *As Nossas Gravuras*, «O Occidente», III, n.º 61, Lisboa, 01.07.1880, p. 111.
- (54) *Idem, ibidem*.
- (55) *Diário de Notícias*, Lisboa, n.º 5154, 12.06.1880.
- (56) *O Occidente*, III, n.º 62, Lisboa, 15.07.1880.
- (57) *Idem, ibidem*.

## APÊNDICE

DOCUMENTO 1: *Programma da Celebração em Lisboa do Terceiro Centenario de Luiz de Camões, Commemoração promovida pela corporação da Imprensa Jornalística auxiliada pela Camara Municipal, pelo Governo e pelos Habitantes da cidade. Typographia Universal de Thomaz Quintino Antunes, Impressor da Casa Real, Lisboa, 1880.*

«A imprensa jornalística de Lisboa, ponderando que a noção da patria, base da solidariedade dos cidadãos, perante a moral e perante o progresso, tende fatalmente a dissolver-se pelo egoismo pessoal no conflito das dissidencias religiosas, das dissidencias politicas e das dissidencias estheticas do nosso tempo;

Ponderando mais que a patria só existe nas aggregações sociaes onde uma forte ideia põe d'accordo todas as convicções e todas as vontades convergentes para um só ponto de interesse transcendente e geral;

Deliberou promover pela sua iniciativa a celebração solemne — com character absolutamente nacional — do centenario de Camões. Não o fez por idolatria litteraria, perigosa como todas as idolatrias, mas pela convicção reflectida e profunda de que a individualidade de Camões, sendo a mais genuina expressão do genio português e envolvendo pelo character da sua epopeia a mais poderosa affirmação de todas as energias em que se funda a existência da nossa nacionalidade; é por esse facto o mais alto symbolo patriótico que se pode propôr á estima dos corações portuguezes. Despertar pela invocação d'esse nome glorioso o maior numero de adhesões concordes, pacíficas e fraternas, em torno de uma ideia pura e exclusivamente portugueza — foi o intuito da imprensa jornalística de Lisboa, promovendo a celebração do jubileu camoniano.

Da resposta do espirito publico á suggestão da imprensa procedeu a fixação do presente programma.

Deante d'este documento e deante da historia do terceiro centenário de Camões, que brevemente será escripta, o mundo julgará se Portugal tem ou não as condições de vitalidade que constituem a força moral de um povo, e julgará tambem de quaes são na constituição geral d'este paiz os órgãos em que residem os mais fecundos elementos d'essa força.



# I

## Parte commemorativa do centenario (Preliminares)

1.º — *Fundação em todo o jornalismo de uma secção especial intitulada Centenario de Camões para o fim de notificar todos os trabalhos para a festa nacional dos dias 8, 9 e 10 de Junho, preparando por esse modo o espirito publico para a comprehensão do sentido historico d'esta solemnidade.*

2.º — *Celebração de conferencias e leituras publicas e gratuitas acerca de Camões, da sua obra, do seu seculo e das suas relações com a nacionalidade portugueza, pelos seguintes escriptores, até esta data inscriptos para o referido fim: Theophilo Braga, Guilherme de Vasconcellos Abreu, Adolpho Coelho, Gastão Mesnier, Teixeira Bastos, Pimheiro Chagas, Magalhães Lima, Gomes Leal, Chrystovam Ayres, Manuel d'Arriaga, e Ramalho Ortigão.*

### (Inaugurações)

3.º — *Nos dias 8, 9 e 10 de Junho, consagrados á celebração do centenario, serão feitas em honra de Camões e em commemoração da sua influencia as inaugurações seguintes.*

A) *Pela Camara Municipal de Lisboa será inaugurada a fundação de um Jardim de Infancia (Kindergarten) destinado a educar as creanças segundo o systema de Froebel e a servir de modelo ás escolas portuguezas do mesmo genero, e bem assim duas escolas centraes, uma para alumnos do sexo masculino e outra para alumnos do sexo feminino.*

B) *Pela sociedade Caixa Economica Operaria será inaugurado um gabinete de leitura e um curso de instrucção primaria e de lingua franceza.*

C) *Pela Associação dos melhoramentos das classes laboriosas será inaugurado um curso elementar de sciencias naturaes.*

D) *Pelos professores de instrucção primaria será inaugurada a associação dos professores de instrucção primaria juntamente com um gremio para conferencias e discussões pedagogicas.*

E) *Pela Associação dos ourives será inaugurado um asylo para creanças abandonadas.*

F) *Pela Associação commercial será inaugurada uma estação de soccorros a naufragos.*

G) *Pela classe dos empregados do commercio de Lisboa será inaugurado um instituto d'instrucção com o titulo de Atheneu commercial.*

H) *Pelo Gremio Lusitano será inaugurada uma bibliotheca.*

- I) *Pelos actores dramaticos reunidos será inaugurada a associação dos artistas dramaticos e uma caixa de pensões da classe dramatica.*
- K) *Pela associação Civilização Popular será lançada a primeira pedra para a edificação da escola da associação em terreno gratuitamente cedido pela Camara Municipal para esse fim.*
- L) *Pelos escriptores publicos será inaugurada a associação dos jornalistas e escriptores, competindo a esta fundação estabelecer uma bibliotheca do jornalismo portuguez, um cofre de coadjuvação editorial e um jury d'honra para os conflictos da imprensa.*
- M) *Pela companhia denominada Syndicato dos terrenos de Santa Martha será inaugurado nos terrenos alludidos o novo bairro de Luis de Camões, a cujas ruas serão postos os nomes memoraveis da nossa epopeia, intitulado-se a rua principal Avenida da India.*
- N) *Pela Junta Geral do Districto será fundado um hospicio com o nome de Camões para educar e tutelar creanças abandonadas de mais de sete annos d'idade.*
- O) *Pela Associação dos Funcionarios do Estado será fundado um Collegio Camões com um curso de humanidades para os filhos dos empregados do Estado.*
- P) *Pela Camara Municipal será aberta uma nova rua a cerca do extincto convento de S. Bento.*
- Q) *Pela Companhia Real dos Caminhos de ferro portuguezes e seus empregados será fundada uma escola de instrução primaria denominada de Luiz de Camões.*

(Fundações emergentes do Centenario)

4.º — *Pela Camara Municipal de Lisboa serão fundados tres premios intitulados premios Camões. O primeiro no valor de 500\$000 réis será adjudicado de cinco em cinco annos pela Academia Real das Sciencias ao auctor do melhor livro portuguez publicado durante esse espaço de tempo. O segundo, de valor igual e correspondente ao mesmo espaço de tempo, será adjudicado pela Academia das Bellas Artes a melhor obra portugueza na pintura ou na esculptura. O terceiro premio, na importancia de 300\$000 réis, será adjudicado em todos os quinquennios pela escola Medico-Cirurgica de Lisboa ao melhor alumno do sexo feminino que tenha seguido o curso medico daquelle instituto.*

5.º — *Pelas diferentes associações de Lisboa será celebrada no dia 10 de junho de todos os annos uma assembléa geral ou congresso dos representantes de todas as associações reunidas para o fim de apreciar as condições do successivo desenvolvimento social, intellectual e economico do paiz.*

6.º — *Pela associação dos jornalistas e escriptores serão fundados cursos livres de sciencias naturaes e sociais.*



(*Varias homenagens*)

7.º — *Pelas associações de Lisboa reunidas será cunhada uma medalha commemorativa do centenario como documento d'alliança nos principios que o centenario symbolisa.*

8.º — *Todos os documentos relativos ao centenario e enviados á commissão da imprensa serão devidamente registados e archivados pela associação dos escriptores como outras tantas homenagens prestadas a Camões.*

9.º — *Pela associação dos Empregados do Commercio e Industria será dado um premio intitulado premio Camões, ao melhor estudante do instituto industrial e commercial.*

10.º — *Pela Camara Municipal de Lisboa serão distribuidos nos dias consagrados ao centenario novecentos kilos de carne aos pobres de Lisboa. Eguualmente serão socorridos pecuniariamente todos os pobres da freguezia da Pena, e será melhorada nos referidos dias a alimentação dos encarcerados em todas as prisões civis e militares. Varias commissões locais distribuem soccorros.*

11.º — *Pelo sr. Augusto Machado, artista musico acha-se escripta e instrumentada a ode symphonica destinada á celebração musical do centenario de Camões pela Comissão da Imprensa de Lisboa. A composição do sr. Augusto Machado intitula-se Luiz de Camões e consta de tres partes, divididas do seguinte modo: Primeira parte: Os Lusíadas — seculo XVI, com os seguintes numeros: 1.º Partida dos galeões, 2.º Historia de Portugal — luctas com os arabes, 3.º Ignez de Castro, 4.º Tempestades — O Adastor, 5.º A India. Segunda parte: A Lyrica; numero 1.º Alma minha gentil que te partiste..., 1.º Morte de Camões, Queda de Portugal, Elegia — «Sobolos rios que vão etc». Ultima parte. Seculo XIX — Apotheose — Marcha triumphal.*

*Esta composição não pode ser cantada por occasião das festas do centenario em consequencia de não ter o governo chegado para esse fim a um accordo com a empresa do theatro de S. Carlos, o que foi communicado pelo ministerio do reino á commissão da imprensa no dia 2 d'este mez de julho.*

12.º — *Pela imprensa jornalista de Lisboa serão especialmente consagrados a Camões os numeros de todos os jornaes publicados no dia 10 de junho, sendo gratuitamente offercidos ás escolas e aos leitores do Diario de Noticias pela empresa d'esta folha 30:000 exemplares dos Lusíadas.*

13.º — *Uma commissão de escriptores coordenará em livro a descripção e a historia das festas do centenario.*

14.º — *Em nome da imprensa de Lisboa serão saudados pelo telegrapho, como tendo modernamente contribuido para tornar conhecida fóra de Portugal a obra de Camões os srs.: Ferdinand Denis, em Paris; Wilhelm Storck, em Munster; Avé-Lallemant, em Berlim; Petrowiski, em Londres; conde de Cheste, em Madrid; Directores do Gabinete Portuguez de Leitura, do Rio de Janeiro; Directores do Gabinete Portuguez de Leitura de Pernambuco; Lafitte, em Paris; Clovis Lamarre, em Paris; Victor Hugo, presi-*

dente da Association Litteraire Internationale, promotora da celebração do centenario de Camões em Paris; Bricolani, em Milão; Capitão Burton, em Jerusalem; Romero Ortiz, presidente da associação dos escriptores, em Madrid; fundadores da Escola Camões, em Barcelona.

15.º — A corporação dos escriptores publicos far-se-ha representar no cortejo solemne promovido pela Academia Real das Sciencias em honra das cinzas de Camões no dia 8 de junho, e bem assim na sessão solemne celebrada pela mesma Academia no dia 9 em commemoração do centenario do poeta.

16.º — Nos dias 8, 9 e 10 de junho far-se-ha na sala da Sociedade de Geographia, cedi-da para este fim por aquella sociedade a associação dos jornalistas e escriptores, uma exposição, tanto quanto possível completa, de todas as obra litterarias e artisticas consagradas a Camões por occasião do centenario.

17.º — Nos mesmos dias referidos estarão expostos ao publico os seguintes monumentos:

A) Na Igreja dos Jeronymos, a Custodia chamada dos Jeronymos, a qual representa o primeiro dos monumentos artisticos consagrados aos descobrimentos dos portuguezes e fabricado com o primeiro ouro importado das conquistas.

B) No Museu da Artilheria do Arsenal do exercito a peça de Diu, o mais glorioso dos nossos tropheus militares, documento memoravel do valor de Martim Affonso de Sousa e de D. João de Castro

«Que hum ergue Diu, outro o defende erguido.»

C) Na Bibliotheca Nacional, a collecção camoniana d'aquella bibliotheca.

D) Na Academia de Bellas Artes, a exposição promovida pela Associação Promotora das Bellas Artes, como sendo o mais recente documento do genio artistico nacional.

E) No Museu do Carmo, os documentos artisticos da archeologia portugueza.

F) No Museu Colonial, os productos industriaes das nossas possessões na Africa e na Asia.

G) No Museu da Escola Polytechnica, os especimenes da fauna portugueza no Ultramar.

H) No Instituto Geral d'Agricultura, o museu agricola.

I) No Instituto Industrial e Commercial, o museu e os laboratorios.



## II

### Parte Festival do Centenario

18.º — No dia 10 de junho um cortejo composto de alumnos das escolas reunidas de Lisboa dirigir-se-ha á estatua de Camões e fixará ao monumento uma corôa de bronze, desenhada, modelada e fundida para esse fim pelos estudantes de Lisboa.

19.º — No dia 9, pela uma hora da tarde, haverá no theatro de D. Maria uma sessão dramatica em que tomarão parte os artistas de todas as companhias de Lisboa, terminando o espectáculo pela coroação solemne do busto de Camões pelas primeiras actrizes e pelos primeiros actores.

20.º — No mesmo dia, pelas 12 horas, será dada gratuitamente ao publico, pela associação musica[l] 24 de Junho uma matinée musical no Coliseu de Lisboa. Este concerto constará exclusivamente de musica portugueza.

21.º — Na noite do dia 9 haverá no salão do theatro da Trindade um sarau litterario e musical pelos estudantes associados de todas as escolas de Lisboa.

22.º — Nas noites de 8, 9 e 10 de junho o busto de Camões será solemnemente coroado em todos os theatros.

23.º — Nas tres noites referidas haverá serenadas por todas as sociedades phylarmonicas que percorrerão as ruas e irão saudar o monumento a Camões.

24.º — No dia 10, ao meio dia em ponto, um grande cortejo triumphal, formará no terreiro do Paço e percorrerá em procissão civil a rua Augusta, dará volta ao Rocio pelo lado oriental, entrará na rua do ouro, atravessará a rua do Arsenal até ao largo do pelourinho, passará em frente da casa da Camara Municipal, subirá a rua do Alecrim e dispersará no Aterro da Boa Vista.

§ 1.º — O cortejo a que se refere este artigo será constituído por todas as corporações de Lisboa, pelos poderes do estado, pela municipalidade, pelos representantes do exercito, da armada, das regiões agricolas e dos departamentos maritimos do paiz, pelas escolas, pelas sociedades de estudo, pela corporação da imprensa, etc., e por todos os cidadãos que quizerem aggregar-se a este cortejo, segundo a ordem indicada no appenso a este programma.

§ 2.º — Grandes carros de triumpho, feitos por subsidio do governo e organisados sob direcção d'artistas portuguezes, terão logar no cortejo.

O primeiro d'esses carros, desenhado pelo pintor de marinhas Thomazini, representará um galeão portuguez do seculo XVI. Em torno deste carro, estandartes empunhados por alumnos da escola dos marinheiros da armada, os nomes das principaes terras descobertas pelos navegadores portuguezes dos seculos XV e XVI e as datas d'esses descobrimentos.

O segundo carro, delineado pelo pintor paizagista Silva Porto, representará um parapeito guarnecido de tropheus d'armas, emblema do valor guerreiro.

O terceiro carro, pelo decorador José Maria Pereira, symbolisará o commercio e a industria.

O quarto carro, pelo pintor de genero Columbano Bordalo Pinheiro, representará o nosso dominio colonial.

O quinto, pelo esculptor Simões d'Almeida, será o emblema da arte.

O sexto, pelo architecto José Luiz Monteiro, representará a imprensa.

Quatro carros em forma de açafates, postos à disposição da Comissão da Imprensa pela Camara Municipal de Lisboa, conduzirão as corôas e ramos que teem de ser collocados em torno do monumento de Camões.

A corporação das escolas militares será acompanhada de um tropheu de guerra, e os alumnos do Instituto Agricola levarão consigo um tropheu de lavoura.

25.º — Em um grande pavilhão, mandado levantar pela Camara Municipal no Terreiro do Paço, lavourar-se-ha o auto do cortejo, que será assignado por todos os cidadãos que houverem de tomar parte n'elle e poderes do estado, etc.

Este auto será confiado à guarda da Camara Municipal de Lisboa para ficar depositado no seu archivo.

26.º — Uma salva de artilharia em todas as fortalezas e em todos os navios de guerra surtos no Tejo dará o signal da partida do cortejo do terreiro do Paço.

27.º — A corporação da imprensa solicita das senhoras de Lisboa as corôas e os ramos de flores que hão de ser collocados no monumento de Camões e que podem, ao ser lançados das janellas sobre os carros destinados a conduzil-os ou enviados até às 11 horas do dia 10 ao pavilhão do terreiro do Paço. Pede-se às senhoras que juntem as indicações dos seus nomes às corôas ou ramos destinados ao auctor dos Lusíadas a fim de que esses nomes sejam relacionados e appensos ao auto do cortejo.

28.º — Nas noites de 8, 9 e 10 de junho haverá nas ruas do percurso do prestito e bem assim nas principaes praças e ruas de Lisboa, bem como nas sedes de todos os institutos e associações grandes illuminações, umas realizadas por esses institutos, quasi todos celebram sessões solemnes n'esses dias, outras pelos moradores com a cooperação da Camara Municipal.

29.º — Nas mesmas noites será illuminada a luz electrica a praça e a estatua de Camões.

30.º — Na noite de 10 haverá espectaculo de gala no theatro de D. Maria, sendo ahi representado o drama em 5 actos, original do sr. Cypriano Jardim, expressamente escripto para este fim e intitulado Luiz de Camões.

31.º — No theatro de D. Maria, assim como em todos os theatros de Lisboa será solemnemente coroado o busto de Camões nas noites de 8, 9 e 10.

32.º — Nos terrenos de Santa Martha, bairro Camões, haverá musicas e festejos populares, e será queimado um grande fogo d'artificio na noite de 11 de junho. Todos os terrenos do novo bairro, com 200:000 metros quadrados de superficie serão illumi-



nados na referida noite com barricadas de alcatrão, com fochos de Bengala e com dez mil fochos.

33.º — Na mesma noite de 11 de junho a Camara Municipal de Lisboa mandará queimar grandes fogos d'artificio na Avenida da Liberdade, contigua aos terrenos de Santa Martha.

## I

### *Tabella geral da ordem de formação e marcha*

#### INDICAÇÕES

- a) Procurou-se imprimir á ordem do prestito um caracter principalmente symbolico e nacional: — o Estado no centro, tendo a um lado o Commercio e a Industria e a outro a Instrucção e a Segurança; na frente a Instituição municipal, base da sociedade portugueza, e fechando o prestito a Opinião ou a publicidade, garantia e affirmação das liberdades publicas.
- b) Os numeros indicam sobre a planta e na Praça o agrupamento das diversas corporações e ao mesmo tempo a ordem da marcha. Sempre que foi possivel e salvo as combinações particulares das corporações e as conveniencias d'organização, adoptou-se uma ordem alphabetica.
- c) A entrada na praça é pela rua do Arsenal e angulo occidental para as pessoas a pé, e pelas ruas da Alfandega e da Prata, e frente do Arco para as pessoas que venham em carruagem.
- d) O prestito desfila pela frente do pavilhão entre este e a estatua e contornando-o pelo lado oriental segue a entrar no arco da rua Augusta.
- e) Os diversos grupos procurarão conservar entre si uma distancia não inferior a dois metros.

#### *ordem de formação e marcha*

- a. Um piquete de cavallaria da guarda municipal.
- b. Bandas regimentaes.

## I

*Câmara municipal de Lisboa e delegações das municipalidades do paiz.  
Commissão central Primeiro de Dezembro\*.*

- Commandante das guardas municipaes\*.*  
*Commissario geral da policia civil de Lisboa\*.*
1. *Pessoal dos diversos pelouros, municipaes.*  
*Asylos municipaes.*  
*Escolas municipaes.*  
*Bombeiros voluntarios de Lisboa.*  
*Bombeiros voluntarios de Belem.*  
*Bombeiros municipaes.*

N. B. Até 2 de junho communicaram que se fariam representar as camaras d'Alcobaça, Arouca, Belem, Braga, Cabeceiras de Basto, Estremoz, Evora, Grandola, Mafra, Moimenta da Beira, Paredes, Portalegre, Santarem, S. Thiago de Cacem, Silves, Thomar, Villa do Conde, Villa Franca de Xira.

*Este sinal\* indica a collocação na asa occidental do pavilhão.*

## II

- c. *CARRO TRIUMPHAL: «Galeão portuguez do seculo XVI», ladeado pela escola dos alumnos-marinheiros.*
2. *Associação commercial de Lisboa e delegações das associações commerciais do paiz.*
3. *Associação commercial dos logistas.*
4. *Associação dos empregados no commercio e industria.*
5. *Associação de empregados no commercio de Lisboa.*
6. *Classe associada dos empregados do commercio.*
7. *Representação de companhias de navegação, commercio, credito e seguros.*
- d. *CARRO TRIUMPHAL: «Commercio e industria» ladeado pelo pessoal da estação de socorros a naufragos. Companhas de pescadores de Aveiro, Cascaes, Povoia, etc.*
8. *Sociedade dos artistas lisbonenses a qual se reúnem, a pedido as*
9. *Associação dos ourives e artes correlativas.*
10. *Associação dos ourives da prata.*
11. *Associação dos sapateiros.*
12. *Associação dos marceneiros lisbonenses.*
13. *Associação fraternal dos chapelheiros.*
14. *Associação humanitaria dos operarios.*  
*Associação lisbonense dos latoeiros de folha branca.*
15. *Sociedade Recreio e União.*
16. *Academia Marcos de Portugal.*
17. *Academia Recreio Artístico.*
18. *Albergue dos invalidos do trabalho.*
19. *Associação artistica industrial.*
20. *Associação auxiliadora dos fabricantes de pão.*
21. *Associação auxiliadora dos vendedores de vinhos.*
22. *Associação dos carpinteiros, pedreiros e artes correlativas.*



23. *Associação dos carteiros lisboenses.*
24. *Associação civilização popular.*
25. *Associação companhia braçal da alfandega.*
26. *Associação conciliadora de Santa Catharina.*
27. *Associação dos donos de trens d'aluguel.*
- e. **CARROS DE FLORES E COROAS.**
28. *Associação dos empregados do estado.*
29. *Associação fraternal dos barbeiros, amoladores e cabelleiros.*
30. *Associação fraternal dos calafates lisboenses.*
31. *Associação fraternal dos chapelleiros e sirgheiros.*
32. *Associação fraternal dos fabricantes de tecidos e artes correlativas.*
33. *Associação fraternal lisboense.*
34. *Associação fraternal lisboense dos serralheiros.*
35. *Associação dos funcionarios publicos.*
36. *Associação homeopathica de beneficencia de Lisboa.*
37. *Associação homoeopathica humanitaria.*
38. *Associação homoeopathica lisboense.*
39. *Associação homoeopathica de socorros mutuos e Fraternidade.*
40. *Associação humanitaria belenense.*
41. *Associação humanitaria Camões.*
42. *Associação humanitaria de Nossa Senhora das Mercês.*
43. *Associação humanitaria a Phenix.*
44. *Associação humanitaria de Santa Catharina*
45. *Associação humanitaria de S. José — Primeiro de Dezembro.*
46. *Associação dos melhoramentos das classes laboriosas.*
47. *Associação Nove de Janeiro.*
48. *Associação Philarmonica Recreio Artístico.*
49. *Associação de socorros mutuos do concelho de Oeiras.*
50. *Associação de socorros mutuos Emancipação.*
51. *Associação de socorros de inhabilidade.*
52. *Associação de socorros mutuos José Estêvão de Magalhães.*
53. *Associação de socorros mutuos Lealdade e Humanidade.*
54. *Associação de socorros mutuos Pelicano.*
55. *Associação de socorros mutuos Treze de junho.*
56. *Associação dos tanoeiros.*
57. *Associação dos trabalhadores.*
58. *Associação tauromachica portugueza.*
59. *Associação União Fraternal dos operarios da fabricação do tabaco.*
60. *Associação União Lusitana.*
- f. **CARRO PARA FLORES E COROAS.**
61. *Caixa economica operaria.*
62. *Caixa economica popular.*
63. *Caixa de socorros da casa da Moeda.*
64. *Caixa de socorros da Imprensa Nacional.*
65. *Centro eleitoral republicano democratico de Lisboa (deputação).*

66. *Centro republicano federal (deputação).*
67. *Club portuguez.*
68. *Commissão de caridade da freguezia do Coração de Jesus.*
69. *Gremio Lusitano.*
70. *Gremio popular.*
71. *Irmandade escola dos Passos dos Caetanos.*
72. *Irmandade de Santa Catharina da corporação dos livreiros.*
73. *Junta da parochia da Pena.*
74. *Montepio dos actores portuguezes.*
75. *Montepio beneficencia e Santa Monica.*
76. *Montepio da corporação dos alfayates.*
77. *Montepio Fraternidade.*
78. *Montepio Igualdade Philantropica.*
79. *Montepio de Nossa Senhora da Saude.*
80. *Montepio de Santa Cecilia.*
81. *Montepio Socorros da Humanidade.*
82. *Sociedade cooperativa Primeiro de Dezembro.*
83. *Sociedade Festejos Primeiro de Dezembro.*
84. *Sociedade Philarmonica Alumnos de Minerva.*
85. *Sociedade philarmonica do Arieiro (Oeiras).*
86. *Sociedade philarmonica União e Igualdade.*
87. *Sociedade Recreio Operario.*
88. *Sociedade Timbre e União.*
89. *Sociedade Taborda.*
90. *Sociedade cooperativa credito e consumo Vinte sete de Novembro.*
- 91, 92, 93, 94. *Associações que resolvam encorporar-se depois de 1 de junho ou que por lapso não tenham sido incluídas aqui.*
- g. *CARRO TRIUMPHAL: «Agricultura» ladeado pelo collegio de regentes agricolas da quinta regional de Cintra. — Grupo de lavradores alemtejanos, ribatejanos, etc.*
95. *Associação promotora d'industria fabril.*
- 96, 97, 98, 99, 100. *Companhias industriaes, de caminhos de ferro, fabricas, e officinas. \*\**

### III

- Representação dos poderes constitucionais da Nação (Pavilhão).*  
*Conselho do Estado (ib.).*  
*Tribunaes superiores (ib.).*  
*Corpos diplomatico e consular, estrangeiros (ib.).*  
*Directores geraes dos diversos serviços publicos (ib.).*  
*Commandante geral da Armada (ib.).*  
*Commandante da 1.<sup>a</sup> divisão militar (ib.).*  
*Junta geral do distrito de Lisboa (ib.).*



*Governador civil do districto de Lisboa e administradores de concelhos do mesmo districto (ib.).*

*b. CARRO TRIUMPHAL: «As colonias» ladeado pelos cidadãos naturaes das colonias, associados.*

101. *Representação do functionalismo publico dos diversos serviços e repartições.*

102. *Colonias e sociedades estrangeiras estabelecidas em Lisboa.*

#### IV

103. *Escolas primarias, collegios, \*\*\*\* associação de estudantes, Real Casa Pia de Lisboa, comissão fundadora da escola Castilho.*

104 *Universidade de Coimbra.*

*Curso Superior de Lettras.*

*Escolas Polytechnicas.*

*Escolas Medicas.*

*Institutos industriais e commerciaes.*

*Instituto geral d'Agricultura.*

*Lyceus nacionaes. \*\*\*\*\**

*Escolas nacionaes.*

*Bibliothecas nacionaes.*

*Archivo nacional da Torre do Tombo.*

*i. CARRO DE FLORES E COROAS.*

105. *Academia Real das Sciencias.*

*Associação dos Advogados.*

*Associação dos engenheiros civis.*

*Instituto de Coimbra.*

*Club Militar Naval.*

*Sociedade de Geographia.*

*Sociedade das Sciencias Medicas.*

*Sociedade Pharmaceutica.*

*Sociedade dos professores primarios.*

*Associação Academica.*

*j. CARRO TRIUMPHAL: «A Arte».*

106. *Academia Real das Bellas Artes.*

*Sociedade Promotora de Bellas Artes.*

*Real Associação dos architectos e archeologos.*

*Classe dramatica portugueza.*

## CARRO TRIUMPHAL MILITAR

107. *Escola Naval.*

\*\* *Até 1 de junho communicaram que se fariam representar as Companhias: Real dos caminhos de ferro portuguezes, da Real Fabrica de Fiação de Thomar, Fiação e tecidos d'Alcobaça e de Fiação e tecidos lisbonenses.*

\*\*\*\* *Até o dia 1 de junho communicaram que se faziam representar o como representante das tradições patrioticas associadas á gloriosa data do seu titulo a incorporar-se n'esta parte do cortejo.*

II. *As associações incorporadas e representadas, de agricultura, commercio, industria, socorros mutuos, propaganda, beneficencia, etc. symbolisando o Trabalho Nacional.*

III. *A representação dos poderes publicos, magistratura, altos dignatarios da nação, tribunaes, functionalismo, etc. symbolisando o Estado.*

§ 1.º *Os representantes do corpo diplomatico e consular, estrangeiro, são convidados a incorporar-se a esta parte do prestito.*

§ 2.º *Os cidadãos naturaes das colonias portuguezas associados em assemblea no dia 18 de Maio e os que se lhes aggreguem, terão logar n'esta parte do prestito.*

IV. *As escholae, institutos, commisões e associações de sciencias e de arte, correspondendo á Instrucção Nacional.*

V. *As delegações e corporações do exercito e da armada, symbolisando a Segurança Publica.*

VI. *Os quadros typographicos, administrativos e de redacção dos diversos jornaes, a associação typographica lisbonense, caixa de socorros da Imprensa Nacional, caixa de credito da typographia Universal, os proprietários, directores, e pessoal das diversas typographias, os escriptores publicos, os representantes dos jornaes das provincias, do Brazil, da imprensa estrangeira, symbolisando a Opinião.*

6.º *A Tabella junta a este programa determina a ordem inalteravel de successão do prestito para as diversas corporações, associações, etc. por meio dos numeros designativos d'ellas. (vid. Planta junta).*

7.º *O prestito desfilará pela rua Augusta em toda a sua largura de passeio a passeio; — rua oriental da Praça de D. Pedro (Rocio), frente do theatro de D. Maria, rua occidental da mesma praça, rua do Ouro, rua do Arsenal, Praça do Pelourinho, frente do Palácio Municipal, rua de S. Julião, rua Nova do Almada, rua do Chiado e entrará na Praça de Camões.*

*Depostas successivamente junto á estatua as coroas e ramos que conduzir, continuará o prestito a desfilar sem demora nem interrupção da ordem estabelecida, pelo lado do norte, saindo pela porta do poente, seguindo pela rua do sul, e rua do Alecrim.*

*Na praça dos Romulares, a Camara Municipal postar-se-ha do lado sul da Estatua, com o estandarte do Municipio desfaldado, e o resto do prestito desfilará pela frente da mesma corporação, representante Collegio Lusitano, o de S. Jorge, os alunos da Escola Academica.*



\*\*\*\* Até ao dia 1: Lyceu Nacional de Lisboa e o de Evora.

*Corporação da Armada.*

k. CARRO DOS ESTUDANTES DE INFANTARIA E CAVALLARIA: *ladeado pelos mesmos estudantes associados.*

108. Collegio Militar.

*Escola do Exercito.*

*Escola dos torpedos.*

*Corporação do exercito.*

## VI

109. Classe e associações typographicas.

*Quadro typographico dos jornaes de Lisboa.*

l. CARRO TRIUMPHAL: «A Imprensa».

*Associação dos jornalistas e escriptores.*

*Representantes de jornaes portuguezes e estrangeiros.*

*Comissões de festejos.*

*Representantes da Commissão dos festejos e da Associação Camoneana, do Porto.*

*Comissão executiva da imprensa de Lisboa, com as corporações e individuos que se associarem á commissão e artistas que inauguraram o monumento a Camões, e representantes de academias e associações litterarias e scientificas estrangeiras.*

m. CARRO PARA FLORES, ETC.

## II

### ASSOCIAÇÃO DOS JORNALISTAS E ESCRITORES PORTUGUEZES

*Tendo o jornalismo lisbonense unanimemente resolvido consolidar o importante facto da sua união para a celebração do Centenario de Camões e do seu inteiro e absoluto accordo perante o ideal dos progressos da patria, instituindo a Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, cuja aspiração moral é robustecer, e aperfeiçoar este poderoso instrumento de civilização, a imprensa:*

*Será fundada solemnemente esta associação ás 10 horas prefixas da manhã do dia 10 de junho, como facto inicial da união da imprensa, nas salas da Sociedade de Geographia.*

*São convocados para tomarem parte n'esta solemnidade todos os jornalistas e escriptores portuguezes n'esta occasião presentes na capital, e bem assim para ella assistirem todos os correspondentes e representantes de jornaes estrangeiros.*

*O jornalista decano, Antonio Rodrigues Sampaio, assumindo a presidencia da*

*sessão que lhe foi conferida honorariamente pela grande assembleia dos representantes da imprensa de Lisboa, declarará aberta a sessão, explicando o seu fim especial.*

*Mandarã lêr por um dos secretarios as bases approvadas pela grande assembleia, e sobre as quaes a associação é fundada;*

*E farã lêr a acta, previamente lavrada d'esta sessão solemne, a qual será assignada pela mesa e por alguns dos escriptores presentes.*

*Acabada esta formalidade declarará que está fundada a Associação dos jornalistas e escriptores portuguezes, e levantará a sessão, recebendo dos associados o abraço fraternal.*

*Acto immediato, os escriptores associados irão incorporar-se no grande cortejo civico triumphal de saudação a Camões, na conformidade do disposto n'este programma.*

### III

#### PROGRAMMA DO PRESTITO CIVICO E TRIUMPHAL DE 10 DE JUNHO DE 1880

*O prestito civico e triumphal do dia 10 de junho symboliza e traduz este pensamento:*

*— O povo portuguez na communhão fraterna de todas as suas actividades e de todas as suas instituições sociaes, na plena consciencia da sua vitalidade nacional e da sua solidariedade historica: — saúda a memoria do extraordinario pensador e artista que realizou nos Lusíadas a eterna e decisiva affirmação do genio d'este povo e da sua caracteristica e gloriosa concorrência na civilização moderna.*

*A commissão executiva da Imprensa de Lisboa.*

*1.º no dia 10 às 12 horas da manhã reunir-se-ha na Praça do Commercio (Terreiro do Paço) o grande prestito civico e triumphal de homenagem a Camões, pela ordem indicada na planta junta.*

*2.º As corporações, convidadas e adherentes entrarão na Praça pelo lado do norte, com as insignias e emblemas, que tiverem adoptado e de que tenha sido informada a commissão executiva da imprensa, e depois de assignado o auto da solemnidade pelas pessoas que as compozerem, irão occupar os seus logares, aguardando o signal de desfilar.*

*§ unico. As direcções ou commissões executivas das diversas corporações, são convidadas a vigiar pela execução do presente programma e pela manutenção da ordem que n'elle se estabelece, na parte que lhes respeita.*

*3.º Às 12½ horas, achando-se as corporações nos seus respectivos logares, será feito um signal de prevenção que costará duma bandeira branca içada num mastro collocado no Arco da rua Augusta.*



À 1 hora será feito o signal de desfilar por meio de um estandarte azul e branco, içado no mesmo mastro.

§ unico. Este estandarte terá a seguinte legenda:

## A CAMÕES A PATRIA AGRADECIDA

Feito o signal indicado subirá ao ar, no Castello de S. Jorge, uma girandola de mil foguetes, salvarão as fortalezas e navios de guerra e começará a desfilar o prestito.

4.º Irá na vanguarda do prestito a conveniente distancia um piquete de cavallaria da guarda municipal.

Seguir-se-ão as bandas marcadas marciaes de todos os regimentos que executarão uma marcha triumphal dedicada a Camões.

5.º A ordem geral do prestito será a seguinte:

I. Camara Municipal de Lisboa com o seu estandarte desfraldado, symbolisando a tradição e a continuidade da liberdade e da autonomia do povo portuguez.

§ 1.º — São convidadas as delegações das municipalidades do paiz a aggregar-se á de Lisboa.

§ 2.º — A camara será acompanhada do pessoal dos seus pelouros, das escolas e asylos municipaes e bombeiros.

§ 3.º — É convidada a commissão central 1.º de Dezembro de 1640, como representante das tradições patriotas associadas à gloriosa data do seu titulo a incorporar-se n'esta parte do cortejo.

II. As associações incorporadas e representadas, de agricultura, commercio, industria, socorros mutuos, propaganda, beneficencia, etc. symbolisando o Trabalho Nacional.

III. A representação dos poderes publicos, magistratura, altos dignatarios da nação, tribunais, funcionalismo, etc. symbolisando o Estado.

§ 1.º Os representantes do corpo diplomatico e consular, estrangeiros, são convidados a incorporar-se a esta parte do prestito.

§ 2.º Os cidadãos naturaes das colonias portuguezas associados em assemblea no dia 18 de maio e os que se lhes aggreguem, terão logar n'esta parte do prestito.

IV. As escholas, institutos, commissões e associações de sciencias e de arte, correspondendo à Instrução Nacional.

V. As delegações e corporações do exercito e da armada, symbolisando a Segurança Publica.

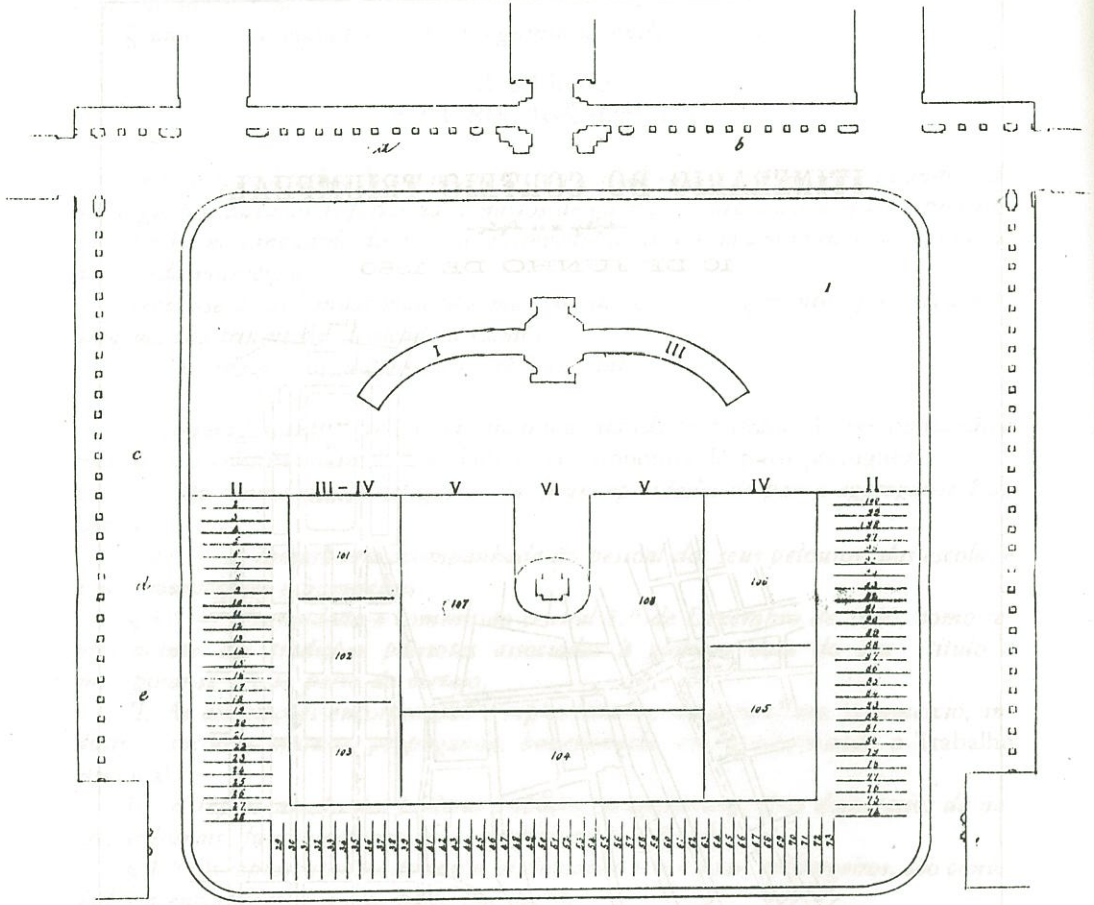
VI. Os quadros typographicos, administrativos e de redacção dos diversos jornaes, a associação typographica lisbonense, a caixa do soccorros da Imprensa Nacional, caixa de credito da typografia Universal, os proprietarios, directores, e pessoal das diversas typographias, os escriptores publicos, os representantes dos jornaes das provincias, do Brazil, da imprensa estrangeira, symbolisando a Opinião.

6.º A Tabella junta a este programma determina a ordem inalteravel de successão do prestito para as diversas corporações, associações, etc. por meio dos numeros designativos d'ellas. (vid. Planta junta).





Norte



**PRAÇA DO COMMERCIO**

DISPOSIÇÃO GERAL

30

Prestito Civico e Triunphal do dia 10 de Junho de 1880

- I. Camara Municipal, etc.
- II. Associações de commercio, industria, soccorros, propaganda, etc.

Sul

- III. Posteres publicos, funcionalismo, etc.
- IV. Evcolas, associações de sciencia e de arte, etc.
- V. Armada, exercito, escolas militares.
- VI. Typographos, commissões de festejos, jornalistas, escriptores, etc.

N. B. Os numeros e as mais indicações determinam a collocação dos diversos grupos.  
Vid. Tabella.

7.º O prestito desfilará pela rua Augusta em toda a sua largura de passeio a passeio; — rua oriental da Praça de D. Pedro (Rocio), frente ao theatro de D. Maria, rua occidental da mesma praça, rua do Ouro, rua do Arsenal, praça do Pelourinho, frente ao Palácio Municipal, rua de S. Julião, rua Nova do Almada, rua do Chiado e entrará na Praça de Camões.

Depostas successivamente junto á estatua as coroas e ramos que conduzir, continuará o prestito a desfilar sem demora em interrupção da ordem estabellecida, pelo lado do norte, saindo pela porta do poente, seguindo pela rua do sul, e rua do Alecrim.

Na praça dos Romulares, a Camara Municipal postar-se-ha do lado sul da Estatua, com o estandarte do Municipio desfraldado, e o resto do prestito desfilando pela frente da mesma corporação, representante directa da cidade natal de Camões, irá dispersar-se no Aterro da Boa Vista.

8.º São convidadas as phylarmonicas de Lisboa e arredores a collocar-se em diversos sitios, ao longo ds ruas por onde desfilar o prestito, tocando marchas a hymnos consagrados a Camões, e o Hymno Nacional.

9.º Disperso o prestito, os carros triumphaes serão conduzidos para a Praça do Commercio (Terreiro do Paço) onde ficarão expostos durante 3 dias».

DOCUMENTO 2: Auto do cortejo cívico realizado no dia 10 de Junho de 1880 (Publ. BRITO ARANHA, Diccionario Bibliographico, estudos de Inocencio Francisco da Silva, XV, Imprensa Nacional, de Lisboa, 1888, pp. 95/96).

«Anno do nascimento de Nosso Senhor Jesus Christo de 1880, aos 10 dias do mez de junho, n'esta muito nobre e sempre leal cidade de Lisboa, pelas doze horas do dia, se reuniram no sítio da praça do Comercio, vulgo Terreiro do Paço, os cidadãos abaixo assignados, por si e como mandatarios de diversas instituições, associações e officios, publicamente convocados pela imprensa periodica da mesma cidade, por intermedio e delegação especial de uma comissão executiva composta por João Carlos Rodrigues da Costa, Eduardo Coelho, Sebastião de Magalhães Lima, Luciano Cordeiro, Theophilo Braga, José Duarte Ramalho Ortigão, Jayme Batalha Reis, Manuel Pinheiro Chagas e Rodrigo Affonso Pequito, para que, interpretando e representando o sentimento da nação, e cumprindo um dever de honra, gratidão e justiça publica, se dirigissem em prestito solemne e triumphal ao sitio da Praça de Camões, e ali depozessem corôas e flores junto da estatua do inclito cantor das glorias nacionaes.

A qual convocação e cerimonia, approvada e coadjuvada pelos poderes constitucionaes da nação e pela camara municipal de Lisboa, bem como todas as ceremonias e festas que n'esta occasião propoz a referida imprensa e se teem realisado e realisam, significam, segundo os respectivos programmas, que a nação portugueza, na commu-



*nhão fraterna de todas as actividades e de todas as suas instituições sociaes, e na plena consciencia da sua vitalidade nacional e da sua solidariedade historica, saúda a memoria do extraordinario pensador e artista que realisou nos Lusíadas a eterna e decisiva affirmação do genito d'este povo e da sua caracteristica e gloriosa concorrência na civilização moderna.*

*E, sendo evidente que todo o paiz, e em particular a cidade de Lisboa, acceitou, apoiou e corroborou o pensamento e a iniciativa da imprensa, foi, pela commissão executiva d'esta, requerido á camara municipal que se servisse authenticar, solemne e publicamente, o acto por meio do presente auto, ao que a camara deferiu com grande satisfação para que em todo o tempo se conheça a saiba que a nação portugueza, e os cidadãos abaixo assignados, no dia 10 de Junho de 1880, em que se completa o terceiro seculo da morte de Luiz de Camões, á qual se seguiu a perda, por sessenta annos, da autonomia portugueza, affirmam e proclamam a sua plena consciencia, de que Portugal tem todas as condições de vitalidade que constituem a força moral e a legitimidade historica de um povo.*

*E tendo-se dignado sua magestade el-rei associar-se a esta manifestação do sentimento nacional, a camara municipal o convidou a assignar, com os mais cidadãos, o presente auto.*

*Outrossim o assignam os diversos cidadãos e representantes de paizes estrangeiros, que resolveram fraternalmente associar-se ao povo portuguez, n'esta occasião, para honrar a memoria de Luiz de Camões.*

*E para testemunho da verdade e de como a cerimonia já referida foi celebrada pela fôrma que foi descripta, se lavrou o presente auto, que eu João Augusto Marques, escrivão da camara municipal de Lisboa, o fiz escrever e li para ser devidamente assignado.*

*Seguem-se as assignaturas de suas magestades e altezas, dos ministros e dignitarios, e de muitos centenares de cidadãos de todas as classes, que quizeram deixar os seus nomes n'este documento».*

DOCUMENTO 3: *Officio de agradecimento da comissão executiva da imprensa aos artistas que dirigiram a ornamentação dos carros triumphaes (Publ. BRITO ARANHA, Diccionario Bibliographico, estudos de Inocencio Francisco da Silva, XV, Imprensa Nacional, Lisboa, 1888, pp. 118/119).*

*«Prezados amigos: — No momento de organizar a conclusão dos trabalhos que foram commetidos na assemblea geral dos jornalistas de Lisboa para a celebração do centenario de Camões, nós cumprimos o mais agradavel dever, agradecendo-vos a parte que tomastes n'aquella festa, delineando os carros de triumpho qu figuravam no cortejo cívico do dia 10 de Junho.*

*Sem o auxilio do vosso bello talento e da vossa dedicação patriotica, sem a vossa collaboraçãõ tão desinteressada e tão amiga, a parte artistica d'essa festa nacional, não teria tido, como teve, o mais genuino cunho portuguez.*

*Diante da vossa obra, o povo de Lisboa experimentou uma sensação nova — a do respeito da arte.*

*Sois os portadores de uma nova religião, que o povo mostrou comprehender e amar.*

*Se como consoladores das nossas maguas como suscitadoras das nossas energias, vós precisareis, illustres artistas, de um reconhecimento condigno do vosso merito, tello-íeis tido na admiração commovida com que a cidade vos saudou.*

*Reproduzidos pelo habil photographo Henrique Nunes, ao qual esta commissão incumbiu esse trabalho, os vossos admiráveis emblemas patrioticos focarão nos nossos registos, e mostrarão aos vindouros o mais glorioso vestigio d'esse dia memoravel em qu a patria de Camões acordou para reconhecer n'elle o symbolo de uma nova era na civilisação portugueza.*

*Dignae-vos de acceitar as expressões da nossa gratidão profunda e da nossa amisa-de fraternal.*

*Lisboa e sala da sociedade de geographia, 26 de junho de 1880. — João Carlos Rodrigues da Costa, presidente — Theophilo Braga — Manuel Pinheiro Chagas — Luciano Cordeiro — Jayme Batalha Reis — Sebastião de Magalhães Lima — Eduardo Coelho — Ramalho Ortigão.*

*Ex.<sup>mo</sup> srs. José Luiz Monteiro, A. Simões de Almeida, José Maria Pereira Junior, Columbano Bordallo Pinheiro, A. da Silva Porto e L. Arouca Thomazini».*



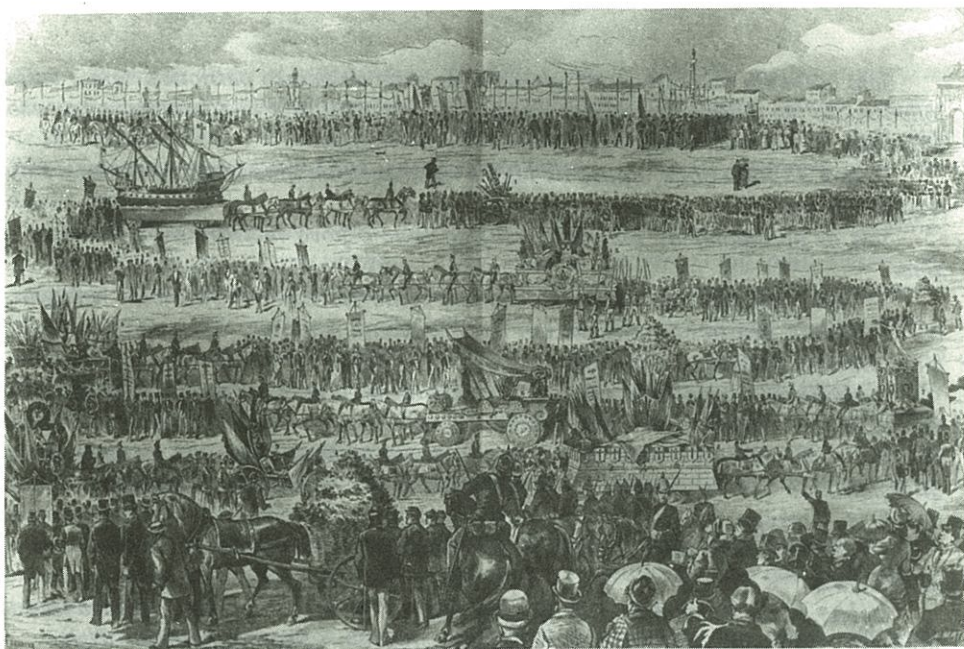


Fig. 1 — A Procissão Cívica Camoniana, gravura de Caetano Alberto sobre desenho natural de Henrique Casanova (Publ. O Occidente, Lisboa, III, n.º 61, 01.07.1880, extratexto)



Fig. 2 — Pavilhão Real do Terreiro do Paço, gravura de Caetano Alberto sobre desenho do natural de Henrique Casanova (Publ. O Occidente, Lisboa, III, n.º 51 01.07.1880, p. 112)



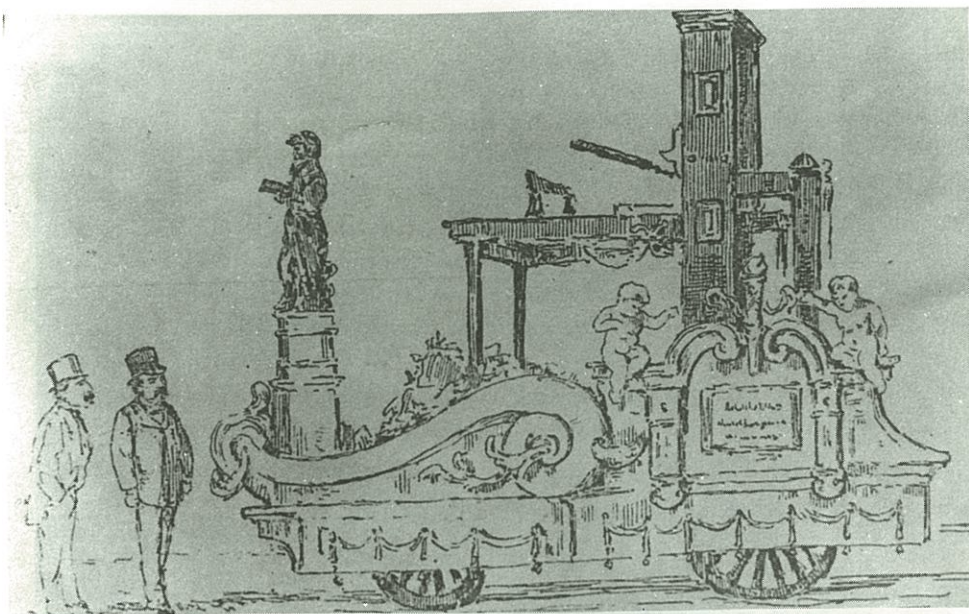


Fig. 3 — Carro da Imprensa, de José Luís Monteiro. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (publ. O António Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 194)

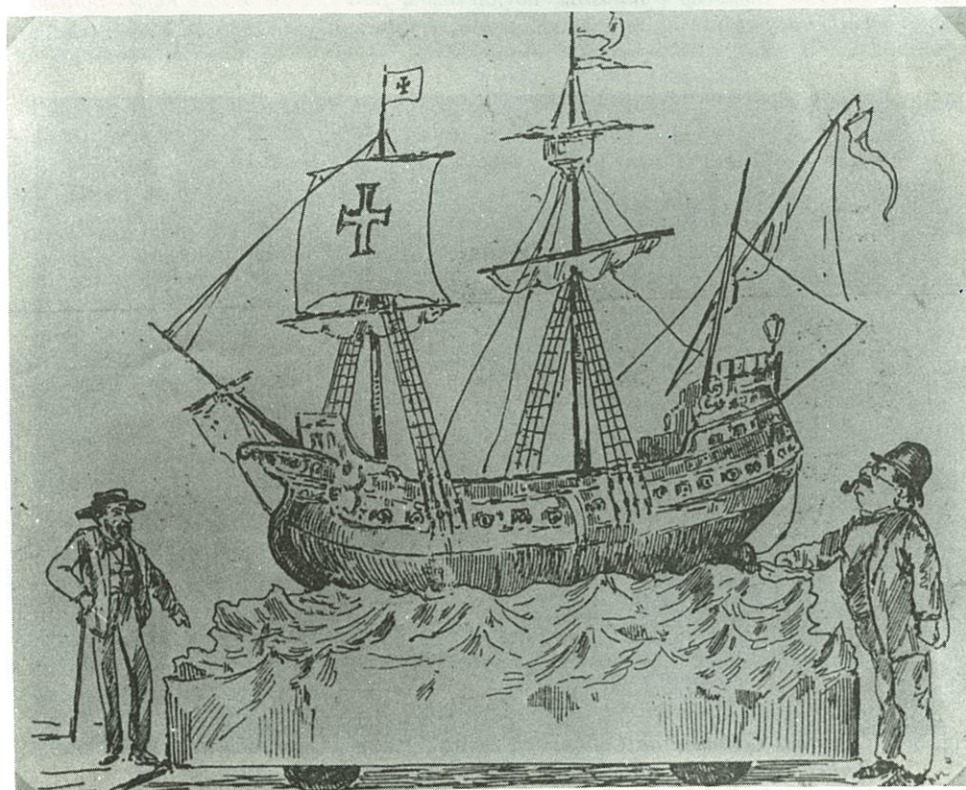


Fig. 4 — Galeão do Século XVI, de Luís Ascêncio Tomasini. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (publ. O António Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 190)



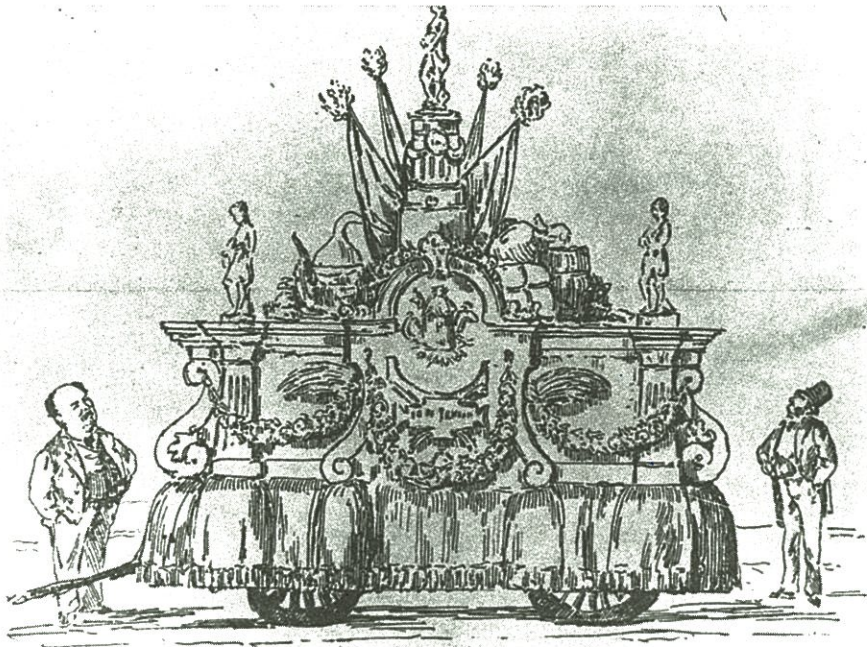


Fig. 5 — *Carro do Comércio e Indústria*, de José Maria Júnior. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (publ. O Ant6nio Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 191)

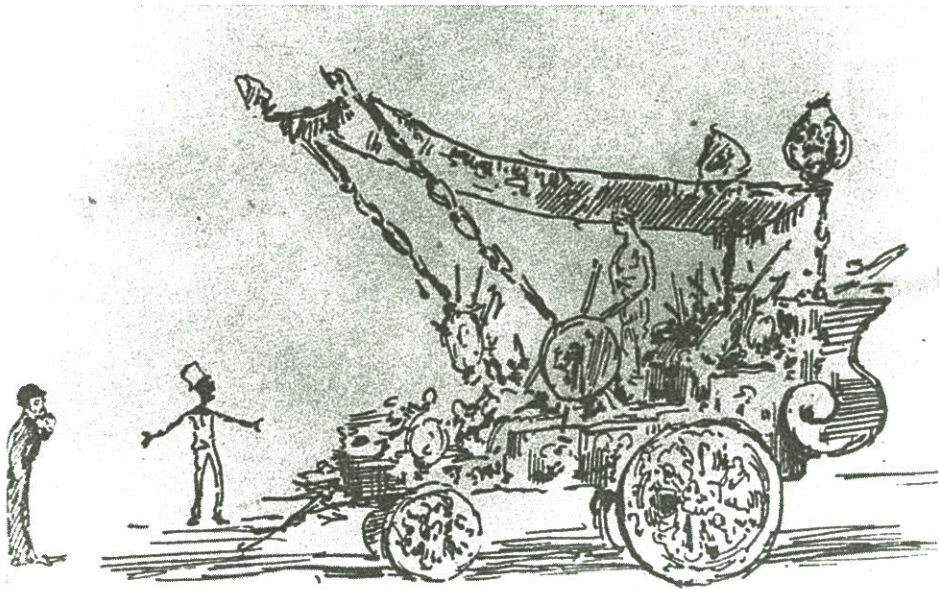


Fig. 6 — *Carro das Col6nias*, de Columbano Bordalo Pinheiro. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (publ. O Ant6nio Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 194)



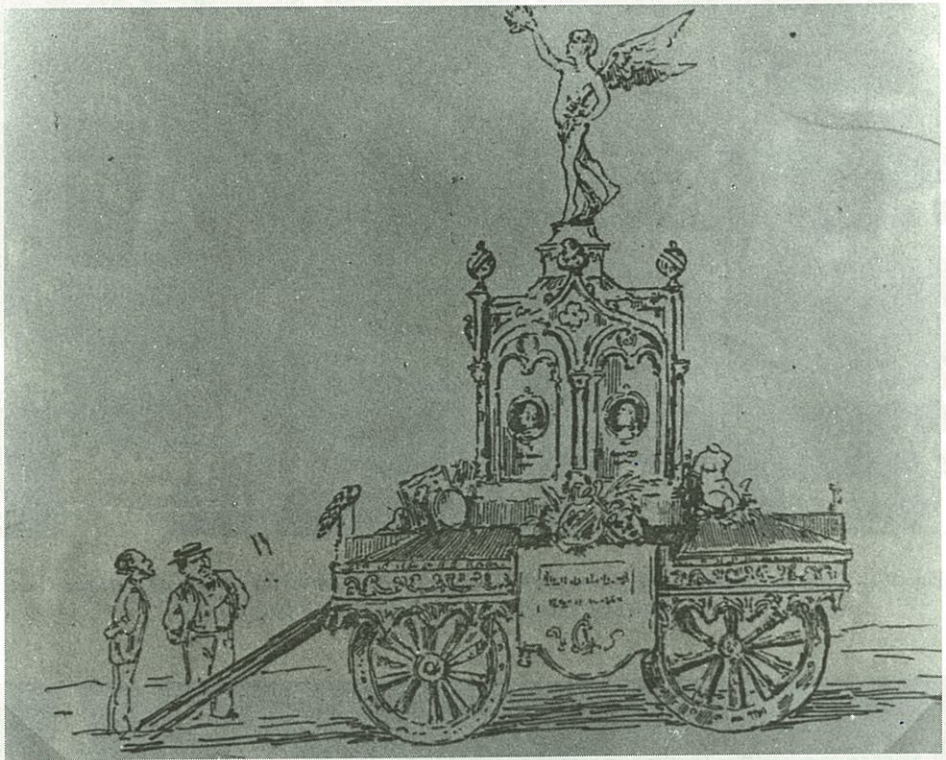


Fig. 7 — *Carro da Arte*, de Simões de Almeida. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (publ. O Antão Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 195)

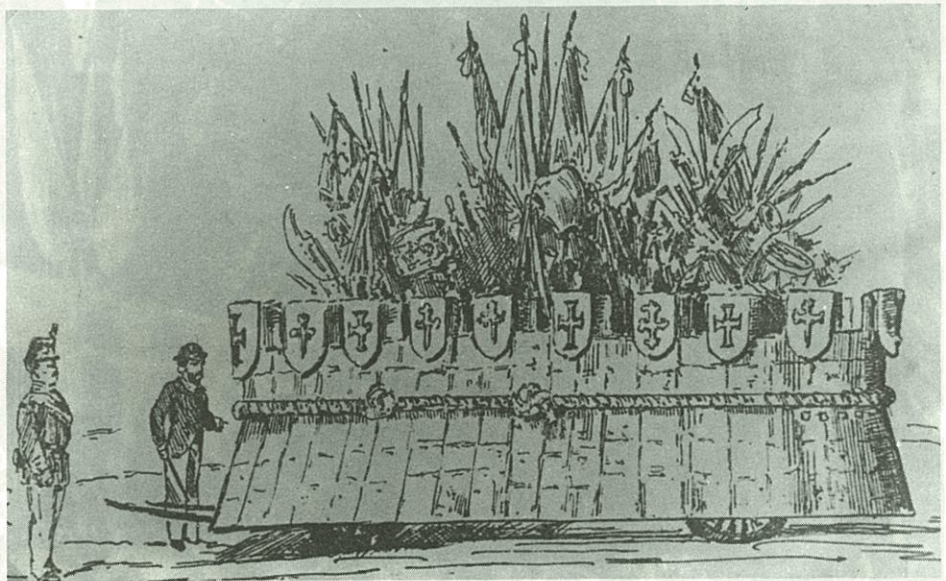


Fig. 8 — *Carro de Guerra*, de Silva Porto. Desenho de Rafael Bordalo Pinheiro (Publ. O Antão Maria, Lisboa, 2.º ano, n.º 54, 1880, p. 191)





Fig. 9 — *Iluminação no Rossio*, gravura de Severino sobre desenho do natural de Enrique Casanova (publ. O Occidente, Lisboa, III, n.º 61, 01.07.1880, p. 113)



Fig. 10 — *Iluminação na Rua do Ouro*, gravura de Caetano Alberto sobre desenho natural de Enrique Casanova (Publ. O Occidente, Lisboa, III, n.º 61, 01.07.1880, p. 116)